

AS PREMISSAS SEGUIDAS PELO GRUPO DE MORFOLOGIA HISTÓRICA DO PORTUGUÊS

Nilsa Areán-García (USP)
nilsa.garcia@usp.br

RESUMO

A partir de um apanhado geral sobre os processos de formação de palavras e centrando-se na derivação por sufixação, neste estudo discutem-se algumas controversas posições de renomados morfólogos, concluindo e justificando, ao final, uma das premissas básicas utilizadas nos trabalhos do Grupo de Morfologia Histórica do Português, GMHP (<http://www.usp.br/gmhp>), liderado pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, que assume os sufixos como lexemas providos de significação semântica. A partir de classificações de três autores, são discutidas as classificações semânticas e suas diferenças estruturais, a criação de paráfrases, a produtividade das RFPs e os bloqueios, bem como a inclusão da diacronia aliada à sincronia nos estudos morfológicos. Ressalta-se, ainda, a diferença entre a semântica da base, a semântica do sufixo e a semântica da palavra formada, justificando a posição do GMHP pelos estudos sob a ótica diacrônica centrada no sufixo.

Palavras-chave: Derivação. Sufixação. Classificação sufixal

1. A formação de palavras

O léxico de uma língua é variável e está sujeito a constantes mudanças, pois algumas palavras vão deixando de ter uso e outras vão surgindo a cada período, promovendo uma renovação, que é feita por meio de um conjunto de mecanismos que proporciona um alto grau de liberdade ao criador. Assim, a formação das palavras é um processo normal de enriquecimento do léxico, por meio da acomodação da expressão oral e escrita, de empréstimos, mudanças de significado, construções fraseológicas, expressões equivalentes às palavras e/ou abreviações e reduções de expressões. Entretanto, na descrição de uma língua há fenômenos relacionados com a formação de palavras e que não podem ser explicados

somente baseados na sintaxe, morfologia, semântica lexical, pois há também a criatividade do falante, as propriedades específicas da formação de palavras e as relações com a gramática normativa. Desse modo, no estudo da variação lexical, deve-se considerar: o processo formativo e os seus elementos (bases e afixos); a combinação destes e seu efeito; as modificações das condições de uso das palavras; o empréstimo e o decalque; e o impacto de situar as variações dentro de seu devido âmbito histórico, social e cultural.

Para a gramática normativa, a formação de palavras contém uma lista finita de regras de derivação que especificam a construção a partir de uma lista finita de itens lexicais ou bases e outra lista também finita de afixos. Estas regras estão ligadas a todos os constituintes da gramática: morfologia, pois especifica como é formada a nova palavra a partir dos elementos de base; fonologia, pois explica as eventuais transformações fonéticas que podem ocorrer entre as bases e os afixos; a sintaxe, pois relaciona as propriedades sintáticas da palavra base com as da nova palavra; a semântica, pois explica o significado das palavras novas ou o modo de construir a partir do significado dos elementos-base.

Sabe-se que, para Coseriu (1977, p. 105-107), a formação lexical é basicamente o resultado de transformações semânticas. Já para Freixeiro Mato (1999, p. 161), esta é feita a partir de uma estrutura paradigmática reportada a uma base sintagmática, marcada pelo conteúdo, mas diferindo da morfologia e da sintaxe.

2. Os procedimentos de formação de palavras

A formação de palavras e a sintaxe têm muito em comum, pois ambas são formas de expressão da criatividade linguística. A sintaxe permite ao falante produzir um conjunto muito grande de combinações com um inventário finito de elementos e regras, e a formação de palavras permite ao falante criar designações lexicais correspondentes a novas situações a partir de elementos já existentes na língua. Ou seja, a formação de palavras e as combinações sintáticas são produzidas de acordo com certas regras que podem ser combinadas entre si. Assim, uma cláusula relativa pode combinar-se com outra cláusula e de um substantivo pode formar-se um adjetivo, por exemplo, *orelha* → *orelhudo*. Além disso, as regras podem ser aplicadas de forma recursiva e combinadas entre si, abrindo uma grande gama na produção. Entretanto, as irregularidades neste processo são tão importantes quanto às regularidades.

De qualquer maneira, a formação de palavras e a análise de sua estrutura interna também constituem objeto de estudo da morfologia. Assim, as palavras que possuem uma estrutura interna complexa, na qual se destacam bases e afixos, são consideradas como resultado da aplicação de regras de formação de palavras. Estas regras são parcialmente definidas como instâncias dos procedimentos morfológicos: flexão, derivação e composição. Cada um destes processos é caracterizado em função do tipo de alteração que processa na palavra que toma como base, podendo ou não alterar a classificação da palavra obtida como produto.

Do ponto de vista morfológico, de acordo com Freixeiro Mato (1999, p. 161) as palavras podem ser construídas a partir de uma base invariável, morfema radical ou lexema, e elementos variáveis que se adicionam ao lexema. Segundo a morfologia, o lexema é portador do significado básico da palavra e os morfemas podem especializar ou especificar esse significado e classificar a palavra em uma determinada categoria gramatical. Os morfemas podem ser: flexionais, quando apenas contêm indicações e significações de tipo gramatical; e lexicais ou derivativos, também chamados de afixos, e que, em geral, modificam a base com determinações e especificações de tipo lexical.

Os procedimentos de formação das palavras podem ser divididos em dois tipos principais e mais ligados às características morfológicas: a derivação, dividida em afixal (prefixal e sufixal), parassintética, regressiva e imprópria; e a composição que se divide em justaposição e aglutinação. Além da derivação e da composição, existem outros procedimentos formadores de palavras tais como a onomatopeia, a abreviação ou redução de palavras, bem como a importação e o decalque de termos estrangeiros, que podem não ser necessariamente morfológicos.

Segundo Freixeiro Mato (1999, p. 314) a importação de palavras procedentes de outras línguas é um dos procedimentos mais antigos de criação lexical. Qualquer empréstimo de outra língua que é preciso para nomear novos objetos ou conceitos, cuja designação na língua receptora é inexistente, é um empréstimo necessário. Por exemplo, as palavras: *restaurant*, *software*, *leitmotiv*, *batuta* e *shampoo*, provenientes do francês, inglês, alemão, italiano e inglês, respectivamente. Entretanto, as palavras importadas nem sempre correspondem às necessidades onomásticas, podem servir a outros interesses, tais como: culturais, políticos e modismos, passando a ser concorrentes com as palavras da língua receptora. Por exemplo, *futebol* e *ludopédio*, *delivery* e *em domicílio*, *hall* e *vestíbulo*. Dentro dos empréstimos estrangeiros, podem-se considerar também os

decalques provenientes de outras línguas, por exemplo, *cachorro-quente* formado como decalque proveniente do inglês *hot-dog*.

Um procedimento bem criativo na produção de palavras é a redução de vocábulos já existentes na língua, formando uma nova palavra. Conforme Basílio (2004, p. 37), a palavra formada é sempre sinônima da palavra derivante, e é usada, na maioria das vezes, em um registro menos formal. Por exemplo, *cinematógrafo* e *cinema*; *motocicleta* e *moto*, *quilograma* e *quilo*, *José* e *Zé*, *Ernestina* e *Tina*. A acronímia também é um procedimento de redução, na qual a união dos extremos de várias palavras dá origem a um novo vocábulo. A título de ilustração, em certas regiões do Brasil é comum o uso de acronímia do nome dos pais para formar o do filho, por exemplo: *Linda* + *Adolfo* → *Lindolfo*, *José* + *Maria* → *Josimar*, *Ademir* + *Hilda* → *Ademilda*. Mas não só no campo da antroponímia esse recurso pode ser utilizado, como por exemplo, *português* + *espanhol* → *portunhol*. A abreviação é outro procedimento de redução e consiste na representação escrita de uma palavra mediante uma ou várias de suas letras. A abreviação simples é a que ocorre quando se reduz apenas uma palavra, por exemplo, *professor* → *Prof.*, *avenida* → *av*. A abreviação composta ou a formação de siglas consiste na representação gráfica e fonética de várias palavras, permanecendo a primeira letra de cada uma delas, por exemplo, em português: *USP* → *Universidade de São Paulo*, *IA* → *Inteligência Artificial*. Segundo Guilbert (1975, p. 276), o processo de transformação de uma sigla em uma nova palavra é essencialmente sociolinguístico, pois resulta da difusão dentro de uma comunidade com adaptações fonéticas, entretanto também é linguístico quando a sigla se transforma em uma base de derivação, por exemplo, sufixal. A título de ilustração, *UDN*¹ → *udenista*.

A onomatopeia, conforme Freixeiro Mato (1999, p. 307-308), é o procedimento que consiste na criação de palavras novas por meio da imitação fônica de vozes ou sons da natureza. Por exemplo, em português: *uivar*, *cocoricó*, *bem-te-vi*. É possível também criar novas palavras por meio do procedimento de composição, ou seja, da união de duas ou mais bases. Segundo Basílio (2004, p. 29), na composição não há elementos fixos, nem funções pré-determinadas para os elementos componentes, sendo definida pela sua estrutura, por exemplo, *plano* + *alto* → *planalto*. Assim, conforme Freixeiro Mato (1999, p. 277) a palavra composta é o

¹ União Democrática Nacional – antigo partido político brasileiro.

resultado da união de pelo menos duas bases independentes na língua, de forma que funcionam como uma única palavra, ainda que o seu significado não necessariamente seja, olhando sincronicamente e sem o auxílio da etimologia, a soma do significado unitário de cada componente, por exemplo, *pé-de-moleque* e *jogo-da-velha*.

Já, o termo derivação, conforme Freixeiro Mato (1999, p. 166), se refere a um conjunto de diversos procedimentos para a formação de novas palavras a partir de um único radical, ao qual se unem afixos, prefixos ou sufixos, com o objetivo de se obter um novo significante. Assim, o processo de derivação pode ser classificado em: prefixação, sufixação ou ainda em: derivação parassintética, derivação regressiva e derivação imprópria.

Chama-se derivação imprópria ao procedimento de alteração da classe da palavra, sem alterações estruturais, mas com nova significação como resultado. Segundo Basílio (2004, p. 60), o termo “conversão”, usado pela maioria das gramáticas normativas, é mais adequado para designar o procedimento. A título de exemplo, a palavra *burro* designa, como substantivo, um mamífero quadrúpede, mas, também pode ser empregada como adjetivo na designação de qualquer pessoa a que se queira referir por sua inépcia. Um exemplo típico é a palavra *oliveira*, substantivo comum que designa uma planta, mas que pode se transformar em um substantivo próprio, como sobrenome de família: *Oliveira*. Segundo Freixeiro Mato (1999, p. 251) a substantivação de uma palavra, verbo ou adjetivo, é a forma mais comum desse procedimento. Por exemplo, *amanhecer* (verbo) → o *amanhecer* (substantivo), *rico* (adjetivo) → o *rico* (substantivo). A derivação regressiva é o procedimento de criação de novas palavras, no qual a palavra formada sofre a perda de elementos da sua forma original. Este procedimento ocorre, sobretudo, na formação de substantivos deverbais, ainda que, segundo Basílio (2004, p. 38), também possa haver derivação regressiva denominal. Por exemplo: *atraso* ← *atrasar*, *debate* ← *debater*, *troco* ← *trocar*. Para Freixeiro Mato (1999, p. 248), as formas regressivas são concorrentes das formações por sufixação, em geral com os sufixos *-mento*, *-ura*, e *-ção*; diferenciando-se pelo seu uso estilístico semântico, por exemplo, *abafar* → *abafo*, *abafação*, *abafamento*, *abafadura* e *abafado*.

Derivação por prefixação é o procedimento de formação de palavras a partir do acréscimo de afixos antes dos radicais, criando novas palavras que pertencem à mesma classe gramatical da base. Por exemplo, a partir da palavra *destinar*, pode-se formar uma outra palavra por deriva-

ção prefixal: *predestinar*, na qual o prefixo *pre-* indica um sentido de anterioridade. Um exemplo análogo consegue-se a partir de: *fazer*, formando-se: *refazer*, com o sufixo *re-* com valor iterativo; convém notar que com: *luzir* pode-se formar: *reluzir*, no qual o prefixo *re-* adquire um valor intensificador. Assim, segundo Freixeiro Mato (1999, p. 254), os prefixos são afixos lexicais com um significado claro e constante, geralmente de origem grega ou latina, que são colocados antes do lexema e estão presentes nas palavras cultas de muitas línguas ocidentais.

Já a derivação por sufixação é o procedimento de formação de novas palavras a partir do acréscimo de sufixos, que, segundo Freixeiro Mato (1999, p. 166), são afixos lexicais colocados depois do lexema para a criação de novas palavras, especializando o significado da base, a partir da significação dada pelo sufixo. Por exemplo, a partir de *real*, pode-se formar por derivação sufixal: *realismo*, com o sufixo *-ismo*, que denota um dado sistema de ideias filosóficas, literárias e das artes plásticas. A partir da mesma palavra, *real*, pode-se formar por sufixação: *realista*, com *-ista*, que denota vários sentidos: relativo ou próprio do realismo, aquele que é partidário do realismo; ou aquele que age com realismo. Ainda, a partir de *real*, pode-se formar por derivação: *realístico*, com *-ístico*; relativo ou próprio de quem é realista. Analogamente, a partir da palavra *humor*, pode-se formar: *humorismo* com o sufixo *-ismo*, *humorista* com *-ista* e *humorístico* com *-ístico*.

É interessante notar que, por um lado, verifica-se que um mesmo sufixo pode apresentar vários significados. Por exemplo, *-eiro* designa agente em *batateiro*, mas indica uma planta em *limoeiro*. Por outro, sufixos diferentes podem apresentar o mesmo significado, por exemplo: *estudante*, *lenhador*, *balconista*, *engenheiro*, nos quais *-nte*, *-or*, *-ista* e *-eiro*, apresentam o mesmo significado, indicam o profissional.

Segundo Freixeiro Mato (1999, p. 269), a derivação parassintética é um procedimento complexo que corresponde a uma estrutura ternária, composta de prefixo, base e sufixo, no qual a prefixação e a sufixação atuam simultaneamente na formação de uma nova palavra. De acordo com Basílio (2004, p. 44), existem palavras que apresentam prefixo e sufixo, mas não são formadas por parassíntese, pois o que caracteriza o procedimento não é a ocorrência simultânea dos afixos, mas a estrutura que exige a utilização simultânea de prefixo e sufixo no procedimento. Por exemplo, *alma* → *desalmado* (*des-* + *alma* + *-ado*), *dia* → *adiar* (*a-* + *dia* + *-ar*), *triste* → *entristecer* (*en-* + *triste* + *-ecer*).

Pode-se notar que existe uma grande proximidade entre os procedimentos de flexão e derivação, pois ambos são de natureza afixal, mas as gramáticas geralmente afirmam que a flexão dá origem a formas de uma mesma palavra e a derivação origina novas palavras. No entanto, esta é uma definição na qual há posições controversas, por exemplo, no caso de sufixos avaliativos: diminutivos, aumentativos, intensificadores e pejorativos, pode-se questionar se de fato é uma derivação ou uma flexão, pois não se considera o produto resultante do processo como uma palavra nova, mas como uma variação da palavra tomada como base. Por exemplo, *cedo* (advérbio) → *cedinho* (advérbio), *claro* (adjetivo) → *claríssimo* (adjetivo). Por outro lado também há a proposta de Câmara Jr. (1978, p. 61) de que a flexão ocupa uma posição mais fixa e opera dentro de regras mais previsíveis, por exemplo, *senhor* → *senhores*, *flor* → *flores*; enquanto a derivação oferece mais possibilidades combinatórias e liberdade construtiva. Por exemplo, *reconstituir* (*re-* + *constituir*), *reconstituínte* (*re-* + *constituir* + *-nte*), *constituínte* (*constituir* + *-nte*), *constituição* (*constituir* + *-ção*), *reconstituição* (*re-* + *constituir* + *-ção*), *constitucional* (*constituir* + *-ção* + *-al*), *constitucionalismo* (*constituir* + *-ção* + *-al* + *-ismo*), *constitucionalista* (*constituir* + *-ção* + *-al* + *-ista*), *constitucionalistamente* (*constituir* + *-ção* + *-al* + *-ista* + *-mente*), *evangelístico* (*evangelho* + *-ista* + *-eiro*).

Conclui-se, pelo apresentado até então, que, apesar de novas palavras se formarem mediante o acréscimo de afixos sujeitos aos condicionamentos morfológicos das classes das palavras-base e de si próprios, não existe uma associação única entre os processos formais (prefixação, sufixação, composição) e os tipos de funções presentes nas palavras formadas, pois diferentes processos podem ter a mesma função. Por exemplo, a função de acúmulo pode ser verificada em um processo de composição ou num de derivação por sufixação, por exemplo: *poliglota* indica o acúmulo de línguas e *cabeleira* indica o acúmulo de cabelos. Também pode haver concorrência de funções em um mesmo processo, mas com afixos diferentes, por exemplo, tanto o sufixo *-eiro* quanto o sufixo *-ista* podem indicar agente, por exemplo em: *manobreiro*, *manobrista*, *engenheiro*, *balconista*. Por outro lado, um mesmo processo pode ser heterogêneo funcionalmente, ou seja, o mesmo processo dar origem a significações semânticas de classes totalmente distintas. Por exemplo, o sufixo *-eiro* pode apresentar várias funções diferentes, a título de ilustração em português: *padeiro* indica profissão, *pitangueira* é uma árvore, *galinheiro* indica um local, *cobreiro* é uma doença, *saleiro* é um recipiente, *fofoqueiro* é a qualidade de uma pessoa, *nevoeiro* é o acúmulo de névoa, *cu-*

eiro é uma peça de roupa.

Por outro lado, é interessante observar que a afixação promove regras de formação de palavras com alta produtividade lexical, isso, em parte, devido à conotação semântica envolvida nos afixos que podem favorecer à uma produção em série. Por exemplo, com o sufixo *-ense* e partindo de uma palavra que designa localidade, ou seja, um topônimo, se forma mecanicamente os habitantes dessa localidade. A título de ilustração, *Porto Velho* → *porto-velhense*, *Almada* → *almadense*, *Ourinhos* → *ourinhense*. Outro exemplo de produtividade é o prefixo *a-*, de origem grega, que denota uma negação da base, e com o qual, muitas palavras podem ser produzidas, por exemplo: *amoral*, *anormal*, *ateu*. Convém ressaltar que, ainda assim, a afixação é um processo complexo e a semântica das palavras resultantes nem sempre segue um princípio sistemático.

Desse modo, o processo de formação de palavras tem como função o enriquecimento lexical mediante a mudança de classe ou a modificação semântica das palavras já existentes na língua. Assim, do ponto de vista do conteúdo da base, as novas palavras formadas podem corresponder a uma grande mudança semântica em relação ao léxico primário.

3. A sufixação

Conforme o que foi visto anteriormente, dentro da formação de palavras, além dos procedimentos mais especificamente morfológicos – derivação por sufixação e prefixação, parassíntese, derivação regressiva, derivação imprópria, composição – podem-se considerar outros procedimentos não necessariamente morfológicos como a onomatopeia, as abreviações, os estrangeirismos. No entanto, a maior parte dos mecanismos de formação de palavras é de caráter morfológico e se refere às diferentes maneiras de como se combinam os morfemas lexicais: lexemas e afixos, e, de acordo com Said Ali (1930, p. 15), a sufixação mostra-se como o procedimento mais produtivo na formação de palavras.

Existe uma série de sufixos que alteram semanticamente a base de um modo subjetivo, mas que, muitas vezes, não modificam sua categoria gramatical. Estes sufixos podem ser chamados, segundo a maioria das gramáticas, de avaliativos, apreciativos, valorativos, expressivos ou afetivos e, em geral, são os sufixos aumentativos, diminutivos, intensificadores e pejorativos. Já, os sufixos considerados semanticamente mais objetivos e que alteram de modo fundamental o significado da base são

chamados de nocionais e, frequentemente, possuem a capacidade de efetuar uma modificação na sua categoria sintática e/ou semântica. Entretanto, classificar um sufixo como avaliativo ou nocional pode ser difícil, já que um mesmo sufixo pode ser avaliativo em alguns casos e nocional em outros. Por exemplo, *-ão* é um sufixo aumentativo, mas em: *porta* → *portão* ou *caixa* → *caixão*, o significado da base já está bem alterado, ou seja, o significado já foi bastante especializado. Daí, o ponto de vista subjetivo ou a avaliação emotiva na sufixação não são necessariamente exclusivos do número reduzido de morfemas classificados habitualmente como avaliativos ou nocionais. E dentro do repertório dos sufixos avaliativos, apesar de se classificar cada um deles no grupo dos diminutivos, aumentativos, intensificadores e pejorativos, na prática esta distinção não é tão clara, pois em muitas ocasiões o valor do sufixo dependerá do contexto e/ou da intenção do falante. Além disso, pela recursividade de aplicações de regras de derivação pode haver a construção de novas palavras com uso de um sufixo diminutivo seguido de um aumentativo e vice-versa. O que na forma estrutural constitui um paradoxo, na língua, muitas vezes, pode ser usado normalmente e seu valor poderá depender exclusivamente do contexto. Por exemplo: *livro* → *livreto* (*livro* + *-eto*) → *livretão* (*livro* + *-eto* + *-ão*) e *porta* → *portão* (*porta* + *-ão*) → *portãozinho* (*porta* + *-ão* + *-inho*).

Considerando-se, por exemplo, o conjunto de sufixos diminutivos, o valor que atribuem à base excede em muito o valor propriamente diminuidor. Ou seja, o valor dos sufixos diminutivos varia desde o propriamente diminuidor com bases substantivas, por exemplo, *casa* → *casinha* e *livro* → *livrinho*; o ponderativo ou atenuante sobre bases adjetivas, *chato* → *chatinho*; o intensificador de pronomes ou advérbios, *perto* → *pertinho*; o valor afetivo, *filho* → *filhinho* e *mãe* → *mãezinha*; e mesmo o valor pejorativo, *mulher* → *mulherzinha*.

Além dos sufixos diminutivos, aumentativos e intensificadores caracterizarem os falantes do português e do galego sob várias possibilidades semântico-estilísticas, dependendo do entorno sociocultural, da procedência rural ou urbana e até mesmo do sexo; convém ressaltar que, “como somos, porém, gente apaixonada, e facilmente vamos de um extremo ao outro, não é de surpreender que o mesmo sufixo evoque em nós sentimentos depreciativos. A pequenez física pode traduzir insuficiência moral”. (LAPA, 1979, p. 106).

É interessante notar que, como intensificador de uma ideia, o acúmulo de sufixos diminutivos pode funcionar como uma exacerbação da

noção fornecida pela base, por exemplo, em: *fraco* → *fracote* (*fraco* + *-ote*) → *fracotinho* (*fraco* + *-ote* + *-inho*). Praticamente as mesmas ideias desenvolvidas para os sufixos diminutivos valem para os aumentativos, ressaltando que em ambos os casos estes podem também funcionar como intensificadores e/ou como pejorativos.

Assim, a sufixação nocional corresponde ao processo que modifica de forma substancial o conteúdo semântico da base. Enquanto os sufixos avaliativos, em geral, salvo as observações feitas nos parágrafos anteriores, estão semanticamente subordinados à base, que funciona como núcleo lexical, os nocionais funcionam como núcleo semântico e sintático que podem modificar totalmente o conteúdo da base e sua categoria semântica. Por exemplo, um *sapatinho* é um *sapato* (mesma categoria semântica), mas um *sapateiro* é uma pessoa, uma *sapataria* é um local, uma *sapatada* é um golpe e *sapatear* é uma ação.

Deste modo, o exemplo anterior e as noções de sufixação revistas neste trabalho contrariam alguns gramáticos que afirmam em suas obras que os sufixos são elementos apenas de valor morfológico na formação de série de palavras e que são semanticamente mais vazios de significado que os prefixos. Muito ao contrário, segundo Sandman (1989, p. 30-31), “os sufixos não são vazios de significado (...) nem são mais vazios que os prefixos (...) e correspondem até semanticamente muitas vezes a lemas”. De fato, ao considerar a palavra *carpinteiro*, a noção de um profissional está totalmente dada pelo sufixo *-eiro*, embora a base *carpint-* seja atualmente opaca. Assim, há então a possibilidade real da classificação do valor semântico apresentado pelos sufixos e a sua utilização em estudos morfossemânticos e funcionais.

Neste senso, os estudos sobre sufixação desenvolvidos pelo Grupo de Morfologia Histórica do Português, GMHP, assumem como pilar de sustentação que os sufixos são lexemas providos de significação semântica e a partir daí, utilizam como uma ferramenta básica de análise a classificação semântico-funcional destes.

4. A classificação dos sufixos

Sabe-se que o número de sufixos nocionais é muito maior que de sufixos avaliativos, tornando-se mais difícil estabelecer uma classificação entre eles. Normalmente, o critério semântico combinado ao critério de mudança de classes é o mais utilizado, embora haja muitas dificuldades

devido à polissemia e à sinonímia dos sufixos. Assim, uma forma usual de fazê-la, é a divisão em relação às classes das palavras formadoras, ou palavras-base na sufixação: substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Outra forma é baseando-se nas classes semânticas das palavras formadas e suas respectivas subdivisões. Entretanto, a classificação não deixa de ser uma tarefa problemática devido, principalmente, à grande diversidade de significados produzidos pela derivação sufixal, bem como pela concorrência e cruzamentos semânticos que aparecem entre os sufixos.

Além de sufixos nominais, verbais e adverbiais, segundo a classe de palavras que formam, respectivamente: substantivos/adjetivos, verbos ou advérbios; os sufixos nominais podem ser, segundo classificação de Ferreira (2001, p. 115), diferenciados em sufixos nocionais ou referenciais, e sufixos apreciativos. No caso dos sufixos referenciais nominais há a possibilidade de subdividi-los segundo a categoria de suas bases: nominais (substantivos ou adjetivos) e verbais, nas quais, também, aparecem os fenômenos de concorrência e cruzamentos. Os sufixos nominais são os formadores de substantivos que, juntamente com os sufixos formadores de adjetivos, atuam no fenômeno da nominalização. De acordo com a classificação dada acima, *grosso modo*, podem ser: dessubstantivais, como em *piano* → *pianista*; deadjetivais, como em *cômodo* → *comodista*; deverbais, como em *batizar* → *batista*. Convém ressaltar que a estreita relação entre substantivos e adjetivos também é um fator problemático na classificação semântica, dado que ambos constituem a classe nominal e, às vezes, uma mesma palavra pode desempenhar as duas funções. Na língua portuguesa, o fenômeno de conversão, ou seja, a transposição de uma palavra de uma classe para outra sem a alteração de sua forma, é especialmente comum e verificado, principalmente, entre substantivos e adjetivos, conforme estudos de Basílio (2002, p. 75). Assim, “o mesmo sufixo pode adquirir significações distintas. Uma classificação semântica há de prever essa situação. Além dessa classificação, é possível separar os sufixos, dependendo do seu ponto de partida e seu ponto de chegada” (VIARO, 2003).

Segundo Freixeiro Mato (1999, p. 228-234), os sufixos formadores de substantivos podem ser classificados em dezesseis categorias, segundo critérios semânticos tais como:

1. Coletivos ou conjuntos: *-al*: *portal*; *-ario*: *glossário*; *-agem*: *folhagem*; *-ada*: *bicharada*; *-ado*: *aglomerado*; *-edo*: *arvoredo*; *-ura*: *dentadura*; *-aria*: *confraria*; *-eiro(a)*: *nevoeiro*; *-mento*: *armamento*.

2. Quantitativos (quantidade que cabe no objeto designado pela base): *-ada: baciada*.

3. Locativos: a) Lugar no qual abundam: *-al: cafezal, -eiro(a): clareira e pulgueiro*; b) Lugar no qual se cultiva: *-al: batatal*; c) Lugar no qual se realiza uma atividade: *-douro: abatedouro e -doiro: embarcador*; d) Lugar sob uma jurisdição: *-ado: emirado*; e) Lugar no qual se desenvolve uma atividade profissional: *-aria: perfumaria; -ado: almoxarifado; -oria: corregedoria*; f) Lugar ou construção onde se guarda algo ou utilizado por seres vivos: *-ário: berçário; -eiro(a): galinheiro*.

4. Temporais (duração ou época em que se desenvolve uma atividade): *-ado: reinado; -ia: chefia*.

5. Ações: a) Ações ou efeitos: *-agem: postagem, -aço: cansaço, -ncia: inadimplência, -nça: desavença, -ado(a): achado, -ido(a): partido, -ção: atuação, -mento: entupimento, -ura: fervura*; b) Ações características: *-ada: bagaçada; -eira: besteira*. c) Ações violentas que produzem ferimentos ou praticadas de repente: *-ada: facada, -ão: empurrão*.

6. Agentes: a) Objetos que servem para realizar uma ação: *-nte: calmante, -or(a): abridor, -ura: fechadura*; b) Pessoa que realiza uma ação: *-nte: agente e -or(a): agressor*.

7. Ocupacionais: a) Profissionais: *-ário(a): boticário, -eiro(a): açougueiro, -ista: pianista, -nte: gerente, -or(a): governador*; b) Especialidades profissionais: *-aria: ourivesaria, -ato: celibato, -ia: engenharia, -ção: administração, -ismo: turismo*.

8. Caracterizadores (qualidades): *-dade: humildade; -ácia: audácia; -ícia: delícia; -ície: imundície; -ez: altivez; -eza: dureza; -ice: chatice; -ncia: arrogância; -nça: esperança; -ia: alegria; -or: amargor; -ude: virtude; -ume: negrume; -ura: brancura*.

9. Femininos (referidos a atividades e/ou qualidades no âmbito feminino): *-eira: trabalhadeira; -esa: baronesa; -essa: condessa; -ina: heroína; -inha: galinha; -isa: poetisa; -iz: embaixatriz*.

10. Vegetais: árvores, arbustos e plantas, por exemplo, com *-eiro(a): goiabeira, limoeiro; -ácea(o): herbácea*.

11. Animais; *-ácea(o): cetáceo; -ídeo: aracnídeo*.

12. Recipientes: a) No qual se guarda algo: *-ário: relicário; -eiro(a): charuteira*; b) No qual se serve algo: *-eiro(a): manteigueira* e

saleiro; c) No qual se realiza uma atividade: *-douro: bebedouro*.

13. Doenças: a) Inflamações: *-ite: otite*; b) Acúmulos: *-ose: trombose*.

14. Bebidas, comidas ou preparados: *-ada: limonada*.

15. Ciências; *-ística: balística, -ia: filosofia*.

16. Tendências ideológicas (linhas de pensamento, filosóficas, ideológicas, religiosas ou doutrinárias): *-ismo: nacionalismo, budismo*.

Segundo o autor, os sufixos formadores de adjetivos podem ser classificados, segundo critérios semânticos, em cinco categorias:

1. Caracterizadores: a) Indicam qualidades que caracterizam pessoas ou coisas: *-aco(a): cardíaco, -al: causal, -átil: vibrátil, -az: mordaz, -vel: admirável, -ado(a): penado, -ido(a): sofrido, -douro(a): duradouro, -or(a): falador, -eiro(a): fofoqueiro, -ento(a): bexiguento, -enho(a): sedenho, -ico(a): básico, -ático(a): hepático, -il: civil, -ino(a): albino, -io(a): vadio, -ivo(a): festivo, -iço(a): chovediço, -nte: fulgurante, -onho(a): risonho, -ório(a): migratório, -oso(a): afetuoso, -sco(a): carnavalesco*; b) Expressam semelhança na qualidade: *-áceo(a): galináceo, -alho(a): grisalho, -ado(a): azulado, -ento(a): carvoento, -enho(a): triguenho, -eo(a): vítreo, -oide: esférico, -ório(a): giratório*; c) Caracterizam pejorativamente: *-ão(ã): fanfarrão, -as: balholas, -udo(a): peludo*.

2. Virtuais: Podem indicar potencialidade: *-vel: inesquecível; -átil: volátil*; b) Facilidade em algo: *-iço(a): quebradiço, -io(a): escorregadio*; c) Futuridade: *-bundo(a): moribundo, -douro(a): vindouro e -doiro(a): vindoiro*.

3. Relacionais (relativo ou pertencente a): *-aico(a): pirenaico; -al: celestial; -ano(a): republicano; -ar: ocular; -ário(a): diário; -engo(a): abadengo; -eno(a): extraterreno; -ense: circense; -estre: silvestre; -ício(a): alimentício; -ico(a): cartográfico; -il: têxtil; -ino(a): caprino; -inho(a): marinho; -ístico(a): humorístico; -tório(a): declamatório; -sco(a): animalesco; -uno(a): gatuno*.

4. Gentílicos (origem ou procedência): *-aco(a): polaco; -ão(ã): alemão; -ano(a): curitibano; -eiro(a): mineiro; -enho(a): açorenho; -ense: estadunidense; -ês(a): português; -eu(a): europeu; -ino(a): argentino; -inho(a): biscainho; -io(a): armênio; -ista: santista; -ita: israelita; -ol(a): espanhol; -oto(a): minhoto*.

5. Tendências (ideológicas, artísticas, filosóficas, religiosas ou doutrinárias): *-ano(a): luterano; -ista: cubista.*

Os sufixos formadores de verbos, para o autor, podem ser classificados, segundo critérios semânticos, em duas classes:

1. Frequência (repetição ou realização frequente de uma ação): *-ear: golpear; -ejar: pestanejar; -icar: claudicar; -inhar: dorminhar; -iscar: chuveisar; -mingar: choramingar.*

2. Modificativos (mudança de estado, ou de qualidade): *-ear: clarear; -ecer: anoitecer; -ejar: alvejar; -ificar: solidificar; -itar: debilitar; -izar: humanizar; -ezar: embelezar.*

Já, segundo o autor, o único sufixo formador de advérbios é *-mente*, por exemplo, *claramente*, e, portanto, não lhe atribui classificação semântica alguma. Nesta linha, Sandmann (1989, p. 77) afirma que *-mente* é o único sufixo no português com o qual se formam advérbios.

Sandmann (1989, p. 32), assim como Freixeiro Mato (1999), propõe sua classificação partindo de: formação de nomes substantivos, formação de nomes adjetivos, formação de verbos e formação de advérbios (sufixo *-mente*), e então apresenta suas subclassificações, dadas sufixo a sufixo, mas restrito ao seu *corpus*. Assim, para Sandmann (1989, p. 32-66), os sufixos são classificados em seis categorias como formadores de:

1. Substantivos derivados de substantivos: *-aço* (função aumentativa): *barulhaço*, *-aço* (golpe forte): *joelhaço*, *-aço* (função expressiva): *mulheraço*, *-agem* (expressar uma ação): *panfletagem*, *-ao* (função aumentativa): *casarão* e (função expressiva): *dinheirão*, *-aria* (designar lugar onde algo se encontra ou onde se produz algo): *ferramentaria*, *-ário* (função agentiva): *metroviário*, *-ado* e *-ato* (formação de substantivos abstratos): *proletariado* e *campesinato*, *-eira* (designar local onde se encontra algo): *arrozeira*, *-eiro* (função agentiva) *motoqueiro* e (função locativa): *atoleiro*, *-ete* (função diminutiva); *cartazete*, *-ia* (formação de substantivos abstratos): *reitoria*, *-ica* (formação de substantivos abstratos): *robótica*, *-inho* (função diminutiva): *livrinho* e (função expressiva): *caixinha* (sinônimo de gorjeta), *-ite* (designar inflamações): *apendicite* e *-ite* (função expressiva): *paixonite*, *-oca* (função diminutiva, e com sentido de despreço): *motoca* ou *belezoca*, *-rama* (designar visão ou espetáculo): *panorama*, *-ismo* (designar orientações, doutrinas e teorias filosóficas, religiosas, políticas, sociais, artísticas, comportamentais, etc.):

feudalismo e *romantismo*, *-ista*: com a função de seguidor ou simpatizante de um político: *Getulista* (*Getúlio Vargas*); membro de um partido político: *udenista* (*UDN*); fã de um clube esportivo ou torcedor de um time de futebol: *santista* (*Santos Futebol Clube*); emprego ou ocupação: *vitrinista*; seguidor de orientações, doutrinas e teorias filosóficas, religiosas, políticas, sociais, artísticas, comportamentais: *iluminista*, *hinduísta*.

2. Substantivos derivados de adjetivos: *-ês* (designar uma língua ou variedade): *internetês*, *-eza* (formação de substantivos abstratos): *dureza*, *-ice* (formação de substantivos abstratos): *burrice*, *-dade* (formação de substantivos abstratos): *competitividade*.

3. Substantivos derivados de verbos: *-ada* (designar ações), *olhada*; *-agem* (designar ações ou efeitos), *lavagem*; *-cão* (designar ações ou efeitos), *penalização*; *-or(a)* (função agentiva) *velejador*, (designar instrumento) *abridor*, (designar máquina) *lavadora*; *-ura* (designar ações ou efeitos), *laqueadura*; *-mento* (designar ações ou efeitos), *gerenciamento*.

4. Adjetivos derivados de substantivos: *-al*, *policial*; *-ar*, *familiar*; *-ável*, *presidenciável*; *-eiro*, *alcooleiro*; *-engo*, *mulherengo*; *-ense*, *fluminense*; *-sco*, *mourisco*; *-iano*, *camoniano*; *-ico*, *botânico*; *-ino*, *natalino*; *-ivo*, *automotivo*; *-oso*, *preconceituoso*.

5. Adjetivos derivados de adjetivos: *-ão*, *covardão*; *-inho*, *amarelinho*; *-íssimo*, *altíssimo*.

6. Adjetivos derivados de verbos: *-nte*, *desgastante*; *-vel*, *suprimível*; *-tório*, *rotatório*.

De maneira diferente, Rio-Torto (1998, p. 112-114) oferece uma classificação baseada na regra de formação de palavras (*RFP*) e suas características semânticas, sem, no entanto, ser exaustiva no detalhamento dos sufixos envolvidos. Para tanto, Rio-Torto (1998, p. 112-11) faz uso da seguinte notação de categorias operatórias:

A – adjetivo, *Ab* – adjetivo de base, *Ad* – adjetivo derivado;

N – nome, *Nb* – nome de base, *Nd* – nome derivado;

X – variável que representa uma unidade lexical e aquilo que ela denota, *Xb* – unidade de base, *Xd* – produto derivacional,

V – verbo, *Vb* – verbo de base, *Vd* – verbo derivado.

Assim, para Rio-Torto (1998, p. 112-114), tem-se:

1. Produtos deverbais: a) Ação/processo de *V* e/ou resultado da ação/processo de *V*: *acolhimento* (-mento), *arremetida* (-ida), *atropelo* (-elo), *contagem* (-agem), *entrada* (-ada), *fundição* (-ção), *tropeção* (-ão), *vingança* (-nça); b) Que *V*: *aldrabão* (-ão), *dançarino* (-ino), *cantor* (-or), *desenhista* (-ista), *ouvinte* (-nte), *queixoso* (-oso); c) Aquilo com que se *V*; instrumento com que (se) *V*: *abridor* (-or), *geladeira* (-eira), *esfregão* (-ão); d) Local onde se *V*: *albergaria* (-aria), *consultório* (-ório), *miradouro* (-douro); e) Que pode ser *V*-do: *adorável* (-ável), *combustível* (-ível), *solúvel* (-úvel).

2. Produtos verbais: a) Transformar em / tornar(-se) *Nb*: *deificar* (-ificar), *favelizar* (-izar), *entardecer* (-ecer); b) Afetar *Nb*: *açucarar* (-ar), *encerar* (-ar), *vacinar* (-ar); c) Causar *Nb*: *aterrorizar* (-izar), *danificar* (-ificar), *enraivecer* (-ecer); d) Transformar em / tornar(-se) *Ab*: *amadurecer* (-ecer), *dignificar* (-ificar), *entristecer* (-ecer), *esvaziar* (-ar), *facilitar* (-itar).

3. Nomes não deverbais: a) Evento relacionado com *Nb*: *abrilada* (-ada), *belenzada* (-ada); b) Conjunto de *Nb* ou (grande) quantidade de *Nb*: *berreiro* (-eiro), *folhagem* (-agem), *papelada* (-ada); c) Local de grande quantidade de *Nb*: *vinhedo* (-edo); *laranjal* (-al), *canil* (-il); d) Local relacionado com *Nb*, ou local onde se exerce atividade relacionada com *Nb*: *livraria* (-aria); e) Atividade / ocupação, relacionado com *Nb*: *advocacia* (-ia), *celibato* (-ato); f) Aquele que exerce uma atividade relacionada com *Nb*: *empresário* (-ário), *ferreiro* (-eiro), *maquinista* (-ista); g) *Nd* (objeto, vegetal) relacionado com *Nb*: *galinheiro* (-eiro), *limoeiro* (-eiro); h) Produto relacionado com *Nb*, produto preparado a base de *Nb*: *laranjada* (-ada); i) Produto derivado ou extraído de *Nb*: *caféina* (-ina); j) (O que é / o que pode ser) continente de *Nb*: *dedal* (-al), *relicário* (-ário), *vestiário* (-ário); k) Porção contida em *Nb*: *colherada* (-ada); l) Doença relacionada com *Nb*: *bronquite* (-ite), *neurose* (-ose), *cobreiro* (-eiro); m) Sistema científico, filosófico, ideológico relacionado com *Xb*, por exemplo, *darwinismo* (-ismo), *luteranismo* (-ismo); n) O fato de ser *A*: *firmeza* (-eza), *brancura* (-ura), *imundície* (-ície), *arrogância* (-ncia), *humildade* (-dade).

4. Adjetivos não deverbais: a) Originário / proveniente de *Nb*: *algarvio* (-io), *austríaco* (-aco), *beirão* (-ão), *mineiro* (-eiro), *chileno* (-eno), *galileu* (-eu), *francês* (-ês), *israelita* (-ita), *judaico* (-aico), *lisboeta* (-eta), *londrino* (-ino), *paivoto* (-oto), *peruano* (-ano), *portuense*

(-ense), *santista* (-ista); b) Relativo a *Nb*: *artesanal* (-al), *cervejeiro* (-eiro), *complementar* (-ar), *forense* (-ense); c) Que pertence a *Nb*: *artesanal* (-al), *escolar* (-ar), *infernal* (-al), *oceânico* (-ico), *partidário* (-ário); d) Que tem *Nb*: *metódico* (-ico), *barbado* (-ado), *barrento* (-nto), *brioso* (-oso), *febril* (-il), *maníaco* (-aco), *sortudo* (-udo); e) Que é adepto de *Nb*: *budista* (-ista), *republicano* (-ano); f) Que causa, que provoca *Nb*: *medonho* (-onho), *terrorista* (-ista); g) Que tem semelhança com *Nb*, que evoca *Nb*: *crystalino* (-ino), *dantesco* (-sco), *senhoril* (-il), *solarengo* (-engo).

5. Nomes isocategoriais: a) Pequeno *Nb*: *aranhíço* (-iço), *barbicha* (-icha), *chibato* (-ato), *farolete* (-ete), *farolim* (-im), *ilhéu* (-éu), *ilhota* (-ota), *livrinho* (-inho), *lugarejo* (-ejo), *papelucho* (-ucho), *rapazelho* (-elho), *rapazito* (-ito), *riacho* (-acho), *ruela* (-ela), *sacola* (-ola), *saleta* (-eta); b) Grande *Nb*: *barcaça* (-aça), *bocarra* (-arra); *cabeçorra* (-orra), *carrão* (-ão), *copázio* (-ázio), *dentuça* (-uça); *homenzarrão* (-arrão), *moscardo* (-ardo), *ricalhão* (-alhão).

6. Adjetivos isocategoriais: a) *Ab* em grau de intensidade reduzido: *doentinho* (-inho), *doentito* (-ito), *grandinho* (-inho), *grandito* (-ito); b) Bastante *Ab*, *Ab* em grau de intensidade elevada: *bonzão* (-ão), *mansarrão* (-arrão), *ricaço* (-aço), *tristonho* (-onho); c) Muito *Ab*, *Ab* em grau de intensidade muito elevada: *altíssimo* (-íssimo), *humílimo* (-ílimo), *paupérrimo* (-érrimo).

7. Verbos isocategoriais: *V* – praticar, exercer, executar a ação designada por *V* – em grau de intensidade reduzido e/ou de forma iterativa e/ou menos perfeita: *saltitar* (-itar), *chuviscar* (-iscar), *cuspinhar* (-inhar), *versalhar* (-alhar).

Conclui-se, então, que as classificações não são únicas e, portanto, geram controvérsias.

5. As paráfrases semânticas e as regras de formação de palavras

Tais classificações, quando são semânticas, levam, inicialmente, a elaboração de paráfrases genéricas para dar conta dos grandes grupos semânticos, como se pode notar na classificação de Rio-Torto (1998) e de Freixeiro Mato (1999), já que, segundo Sandmann (1989, p. 31), os sufixos correspondem a lexemas, ou seja, uma sufixação equivale semanticamente a um grupo sintático definido por uma paráfrase (semântica) do processo específico daquela derivação. Naturalmente, a capacidade de

incluir elementos do mundo extralinguístico surge como uma reserva latente à paráfrase. Rio-Torto (1998, p. 110) considera as paráfrases uma simplificação das acepções dos dicionários. Do mesmo modo:

paráfrases semânticas, ou seja, definições plausíveis, à maneira lexicográfica, estão muito próximas da consciência do falante. Quando este reflete no conteúdo de uma palavra sufixada, fá-lo com base na palavra primitiva, de um modo bastante similar ao dos lexicógrafos, apenas de um modo mais tosco. (BOSSIER, 1998, p. 22)

No entanto, para Coseriu (1987, p. 181), nada impede o uso de designações, desde que conexas às significações e Rio-Torto (1998, p. 110) afirma que a formulação de paráfrases é uma primeira etapa no levantamento das regularidades derivacionais que aparecem entre a palavra final e seus constituintes; e na análise das operações semântico-categoriais. Analogamente,

A plausibilidade das definições sempre é suscetível de melhoramento, depurada de qualquer circularidade ou ainda de sinonímia usada como sucedâneo de uma verdadeira definição. Tudo isso não impede extrair das definições lexicais, numa segunda operação, fórmulas de índole mais gramatical ou mais semântica. (BOSSIER, 1998, p. 23)

Pode-se notar, então, que há três tipos de semântica envolvidos na formação de palavras por sufixação: a semântica da palavra sufixada, a semântica da base e a semântica do sufixo. Nota-se, também, que as três classificações dadas anteriormente: Freixeiro Mato (1999), Sandmann (1989) e Rio-Torto (1998); centram-se na semântica da palavra formada auxiliada pela palavra base e pelo sufixo, já os estudos do GMHP, por se centrarem nos sufixos, procuram fazer a classificação a partir do significado destes. Analogamente com a formulação de paráfrases.

Desse modo, pode-se concluir que a formulação de paráfrases é uma etapa preliminar do processo de sistematização na formação de palavras na língua, pois por meio delas encontram-se as regularidades, fazem-se as generalizações e especificações necessárias, bem como se eliminam as redundâncias e, assim, chega-se às suas regras de formação de palavras, em particular, do sistema de sufixação.

6. A produtividade e suas restrições

Segundo Sandmann (1991, p. 44-45), “da competência lexical do usuário de uma língua fazem parte tanto a capacidade de formar e entender palavras novas como a de atribuir estrutura às palavras já integrantes

do léxico”. Isto significa que há algumas etapas interligadas no processo de formação de palavras para o falante de uma língua: numa primeira fase, o falante entende as palavras novas e equivale a formação de paráfrases; numa segunda fase, o falante reconhece os elementos envolvidos no processo de formação de uma palavra nova, que equivale ao reconhecimento das regras de formação de palavras; numa terceira fase, o falante produz palavras novas aplicando o mesmo processo reconhecido na segunda etapa, que equivale a aplicação das regras de formação de palavras. A terceira fase desse processo – a aplicação das regras e a produção efetiva de palavras novas – irá indicar a produtividade da regra de formação de palavras, e em particular, a produtividade de uma vertente semântica associada a um determinado sufixo no processo de formação de palavras.

Segundo Viaro (2005), a produtividade abrange dois casos: a de um elemento prolífico, quando por meio dele se obtêm muitas palavras; e a de um elemento que produz muitos neologismos. O autor ressalta: “um sufixo prolífico não é, necessariamente, produtivo (pode ter deixado de formar neologismos após criar muitas palavras) e um não prolífico pode trazer uma força produtiva subestimada se nos pautamos somente nos dicionários”.

Entretanto, o principal problema surge no momento de definir o critério a ser adotado para medir a produtividade. O critério, em geral, mais usado é o cômputo da frequência das palavras formadas a partir de um dado sufixo em um determinado *corpus*. Para Aronoff (1976, p. 35), a produtividade lexical não deve ser confundida com elevado nível de ocorrência, pois tal engano leva a definir uma regra como mais ou menos produtiva de acordo com a listagem maior ou menor que apresentam no léxico, quando em realidade o deve definir uma regra como produtiva é o fato de se prestar à formação de novos itens lexicais. Embora haja uma grande controvérsia em relação a esse critério de medida da produtividade, que envolve também a escolha do *corpus* e sua representatividade do sistema, convém citar Bossier (1998, p. 8): “produtividade é uma verificação que pode constar da investigação, num grau variável, mas nunca deve ser um critério eliminatório previamente estabelecido”.

The list of morphemes and the rules of word formation together define the potential words of language. The set of actual words is obtained from that the potential words by applying to the latter the modifications indicated in the fil-

Segundo Sandmann (1991, p. 59): “é de sua própria natureza que regras tenham limitações, que elas tenham campos específicos de aplicação”. Assim, para o autor, as limitações próprias das regras de formação de palavras funcionam como filtros que limitam ou disciplinam a formação de palavras, por isso, em sua obra dispõe vários tipos de restrições no processo de produção lexical, no intuito de mostrar o escopo de tais operações. Para Bauer (1983) *apud* Sandmann (1991, p. 59-60), há duas restrições de caráter pragmático: a existência do objeto a ser designado e sua nomeabilidade. Em relação às bases de derivações, o autor descreve restrições fonológicas, morfológicas, semânticas e sintáticas.

De acordo com Sandmann (1991, p. 61), “a repetição de sons iguais na mesma palavra contraria, de maneira geral, princípios estéticos de eufonia”. Assim dentro das palavras potenciais em português cuja base é a palavra *estressar*, há: *estressamento* e **estressação*, entretanto a primeira forma é preferida em relação à segunda, pois o filtro fonológico, neste caso, é a repetição de sons iguais seguidos na mesma palavra. Porém, há exceções, por exemplo, *cassação* e *cabeleireiro*.

Convém notar também que o processo de recursividade e concatenação de regras sufixais não é tão aleatório quanto possa parecer, pois ocorre em função das estruturas lexicais paradigmáticas, que se por um lado cristaliza determinadas formas, por outro lado promove restrições morfológicas. De acordo com Aronoff (1976, p. 62) e Sandmann (1991, p. 62-64), o grau de produtividade de uma regra de formação de palavras está ligado aos tipos específicos de bases morfológicas em que a regra opera. Assim, verbos formados com o sufixo *-ecer*, geralmente selecionam o sufixo *-mento* e não o sufixo *-ção* para formar nomes de ação, por exemplo: *aquecer* → *aquecimento*. Os verbos formados com o sufixo *-izar*, geralmente selecionam o sufixo *-ção* para formar nomes de ação, por exemplo: *nacionalizar* → *nacionalização*. Porém, há exceções: *deslizar* → *deslizamento* e *enraizar* → *enraizamento*.

Segundo Aronoff (1976, p. 65), existe uma estreita e importante relação entre coerência semântica e produtividade. Do mesmo modo para Sandmann (1991, p. 64), quando o sufixo é restritivo quanto a aspectos

²Tradução: “A lista de morfemas e as regras de formação de palavras (RFP) definem juntas as palavras em potencial de um sistema linguístico. Mas, o subconjunto das palavras usadas é obtido pela filtragem do conjunto de palavras potenciais.”

puramente semânticos, como a conotação da base, então a restrição será de natureza semântica. Por exemplo, o sufixo *-udo* tomando como base *X* pertencente ao conjunto das partes externas do corpo humano ou animal, significa: “que tem ou é provido de *X* grande”, por exemplo, *barrigudo* e *chifruído*. Entretanto, o mesmo sufixo pode designar também as qualidades morais ou características permanentes de personalidade, por exemplo, *sisudo* e *sortudo*, e neste caso significa: “que tem muito *X*”; mas não pode se associar, devido à sua característica semântica, a bases substantivas mais concretas como: *casa* → **casudo* para designar “que tem casa grande” ou que “tem muitas casas”. Atesta-se, então, que há uma limitação de natureza semântica.

Para Sandmann (1991, p. 67 – 68), “é de natureza sintática o fato de muitos sufixos se unirem, exclusivamente ou preferencialmente, a bases pertencentes a determinada categoria gramatical ou classe de palavras e não a outras”. Por exemplo, o sufixo *-nte* associa-se a verbos na formação de adjetivos de natureza dinâmica; como: *frustrar* → *frustrante*, mas não atua em bases adverbiais (*perto* → **pertonte*) ou nominais (*caneta* → **canetante*), ainda que, contrariando o autor, pode-se observar hoje *cadeira* → *cadeirante*, provavelmente uma formação posterior à sua obra.

Além disso, em particular, parece haver interessantes aspectos das restrições lexicais, chamados de bloqueios, ou seja, quando a ocorrência da formação de uma palavra é impedida pela existência de outra forma que já preenche o seu papel no léxico, nas palavras de Aronoff (1976, p. 55): “*Blocking prevents the listing of synonyms in a single stem. An affix which is productive with a given morphological class will thus block the attachment of rival affixes to that class*”³. Segundo Sandmann (1991, p. 75), “está-se frente a uma situação de conflito entre o sistema e o uso; o sistema permite mais de uma forma, o uso, porém, consagra e privilegia uma”. Por exemplo, em português, como já existe a palavra *estudo* não se pode formar **estudagem* ou **estudamento*.

Em relação aos bloqueios, Sandmann (1991, p. 78-80) faz duas ressalvas: “a especialização de sentido de uma palavra – forma de lexicalização – pode levar à anulação do bloqueio de formas com outros sufi-

³ Tradução: “O bloqueio impede a formação de uma lista de sinônimos em derivações. Pois, um afixo produtivo para a formação de uma dada classe morfológica bloqueará a atuação de afixos concorrentes para a formação desta mesma classe.”

xos de função igual”, por exemplo, *salvação* e *salvamento*, *ensino* e *ensinamento* cada qual com sua especificidade semântica, não gerando o bloqueio entre elas; e “o despeito a determinados bloqueios de regras de formação de palavras pode assumir caráter estilístico”. Para Rio-Torto (1998, p. 63), “o léxico tem sido encarado como um acervo que pode incluir uma secção que corporize a sua dimensão criativa”. Um bom exemplo em português é a obra de Guimarães Rosa, na qual aparecem termos, tais como: *pobrepérrimo*, *tristoso*, *severoso*, *severista*, *ricos*, *mortemente*, *depoismente*, *comfomemente*.

Em contrapartida, também se encontram formas concorrentes derivadas de uma mesma base, por exemplo: *manobreiro* e *manobrista* são agentivos que designam a pessoa que manobra carros. Um exemplo bem ilustrativo é a concorrência entre as formas: *fumante*, *fumador* e *fumista*, no português e no galego, são agentivos que designam a pessoa que fuma; mas sabe-se que *fumante* é a forma mais usada no Brasil, ao passo que *fumador* é a forma mais usada na Galiza e em Portugal, e *fumista* é uma forma que pode ser encontrada em textos sobre tabagismo e também em alguns textos literários das três regiões, no entanto é pouco usada no Brasil, em Portugal e na Galiza.

Assim, deve-se levar em conta também os mais variados fatores e condições que podem interferir no processo de formação de palavras, de acordo com Basílio (2004, p. 80), “a formação de palavras pode ter uma função exclusivamente cognitiva, como categorização. Mas, em termos de comunicação, a palavra se forma também em função do enunciado”. Ou seja, as funções não estão isoladas e exclusivas na formação da palavra diante da comunicação, assim, não há apenas uma função semântica ou morfológica, mas um misto de funções que associa os mais variados fatores ao enunciado e à expressão.

Desse modo,

A função de sufixos como *-ista* e *-ano*, formadores de nomes, que ocorrem em construções como *budista*, *maoísta*, *maometano* e *machadiano*. Do ponto de vista da competência lexical, *-ista* e *-ano* podem formar nomes a partir de nomes próprios, mas são as condições socioculturais que elevam certos nomes próprios à condição base possível para esse tipo de formação, uma vez satisfeita a condição de um mínimo de *status* sociocultural. (BASÍLIO, 1993, p. 370)

7. A dimensão histórica

Apesar das controvérsias e de determinados fatores problemáticos, é interessante notar que, seguindo apenas as regras de formação de palavras pode-se construir um algoritmo passível de implementação computacional. De fato, a teoria minimalista, segundo Rio-Torto (1998, p. 57), “preconiza que a formação de palavras (...) está a cargo de um sistema computacional que (...) tem a capacidade de gerar as estruturas morfolexicais da língua”. Entretanto, nota-se também que uma língua não se desenvolve de forma tão regular, e para cada regra, inclusive as de formação de palavras, podemos encontrar vários contraexemplos. Convém citar Rio-Torto (1998, p. 132): “a análise do sistema derivacional do português não se esgota na identificação das coordenadas semântico-categoriais por que se define cada regra de formação de palavras (...) envolve diversas outras dimensões”. Assim,

A plurivocidade de dimensões semânticas que os produtos lexicais convocam não deixa margens para dúvidas acerca da multipolaridade e da interatividade por que necessariamente se define a formação de palavras e o domínio em torno dela configurado. Não é, pois, legítimo, continuar a reduzir este domínio a uma só dimensão, subsumindo-o no léxico ou na morfologia. (RIO-TORTO, 1998, p. 82)

Convém lembrar que

Parece coisa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplos (...) que não requerem especial cultivo da inteligência (...) São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lucida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para se perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal evolução de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o pensamento geral do vulgo e o facto encarado à luz da pesquisa científica⁴. (SAID ALI, 1930, p. 3)

De fato, segundo Viaro (2004): “é inegável que haja derivação, no entanto, o estudo estritamente sincrônico desse capítulo gramatical se revela, no mínimo, um contrassenso”. Da mesma maneira, Rio-Torto (1998, p. 133-148) sustenta que a história da língua é insubstituível na análise de determinados aspectos da formação de palavras, nos quais se nota que o presente é em larga medida herdeiro do passado, por exemplo: a) na identificação do estatuto e dos tipos de constituintes lexicais; b) na clarificação do caráter composto das palavras; c) no estabelecimento de tipologias de palavras de estrutura complexa; d) na reconstituição da evo-

⁴ Foi mantida a ortografia original do autor, própria de sua época.

lução formal e semântica das palavras; e) na explicação de algumas das reestruturações dos sistemas afixais; f) na determinação dos paradigmas genolexicais.

Neste senso,

Mais do que observar que há/pode haver insuficiências no tratamento sincrónico/contemporâneo da componente lexical que só uma abordagem histórica pode suprir, importa chamar a atenção para a consubstancial incorporação do passado no presente que todo o sistema lexical atesta, e que nenhuma análise sincrónica pode subestimar. (RIO-TORTO, 1998, p. 148)

Dessa forma, nota-se que as polaridades por si só não dão conta do sistema como um todo. Ou seja, um estudo estritamente sincrónico mostra-se insuficiente diante de vários fatores, como também um estudo estritamente diacrónico apontará suas insuficiências. Entretanto, em detrimento do pensamento ortodoxo polar, acredita-se que ponderar os estudos complementando com uma metodologia o que a outra deixa a desejar é, segundo Rio-Torto (1998, p. 134), “atitude de complementaridade entre análise histórica e sincrónica”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts: MIT, 1976.

BASÍLIO, M. O estudo da morfologia no português falado: condições de produtividade e condições de produção. In: CASTILHO, A. T. *Gramática do português falado*. Vol. III: as abordagens. Campinas: Unicamp, 1993, p. 364-372.

_____. Flutuação categorial de base adjetiva no português falado. In: CASTILHO, A. T. *Gramática do português falado*. Vol. II: Níveis de análise linguística. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2002, p. 75-90.

_____. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2004.

BOSSIER, W. Os sufixos verbalizadores no léxico português moderno. In: *Linguistica antverpiensia*, series maior, nº 3. Antuérpia: Instituto Superior de Tradutores e Intérpretes (H.I.V.T), 1998.

CÂMARA JR. J. Matoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

COSERIU, E. *Formen und Funktionen*. Tübingen: Niemeyer, 1987.

- _____. *Principios de semántica estrutural*. Madri: Gredos, 1977.
- FERREIRO, M. *Gramática histórica galega*. Noia: Liovento, 2001.
- FREIXEIRO MATO, X. R. *Gramática da língua galega*. Vol. III – Semántica. Vigo: A nosa terra, 1999.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- HALLE, M. Prolegomena to a theory of word formation. In: *Linguistic inquiry*. Vol. IV, Winter, 1973, p. 3-16.
- LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. Coimbra: Coimbra, 1979.
- RIO-TORTO, G. M. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora, 1998.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1930.
- SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor / Ícone, 1989.
- _____. *Competência lexical. Produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: UFPR, 1991.
- VIARO, M. E. Para um estudo da semântica sincrônica dos sufixos derivacionais em português do século XIII. In: *Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*. Taubaté: Unitau, 2003. CD-ROM.
- _____. Problemas de morfologia e semântica histórica do sufixo *-eiro*. In: *Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*. São Carlos: UFSCar, 2005.